



Bolsas Na sexta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Salário mínimo	Dólar Últimas cotações (em R\$)	Euro Comercial, venda na sexta-feira	Capital de giro Na sexta-feira	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
1,39% São Paulo 0,03% Nova York	108.789 108.488 17/518/519/520/5	R\$ 1.212	Na sexta-feira R\$ 4,874 (-0,87%) 16/maio17/maio18/maio219/maio 5,0524,9434,9834,917	R\$ 5,145	6,76%	12,80%	Dezembro/20210,73 Janeiro/20220,54 Fevereiro/20221,01 Março/20221,62 Abril/20221,06

CONJUNTURA

Pandemia deixa uma geração mais pobre

Fechamento de escolas pode provocar perda de 9,1% na renda do atual contingente de estudantes brasileiros, diz FMI

» MICHELLE PORTELA

O aprendizado incompleto durante a crise sanitária, principalmente devido ao fechamento de escolas, pode diminuir o rendimento médio da atual geração de estudantes brasileiros em 9,1% ao longo da vida, de acordo com estimativas do Fundo Monetário Internacional (FMI) divulgadas nesta semana.

O prognóstico coloca o Brasil na terceira pior posição entre os países do G20, atrás apenas da Indonésia — onde a perda é estimada em 9,7% — e do México, que lidera o ranking com 9,9%. O relatório destaca que o impacto da pandemia na educação é algo sem precedentes e que os efeitos na economia, na desigualdade e na renda da população poderão ser sentidos por muito tempo.

Só em 2020 e 2021, interrupções nas escolas afetaram 1,6 bilhão de alunos em todo o mundo. Embora tenham atingido todos os países do G20, as perdas de aprendizado recaem desproporcionalmente sobre os países emergentes, e entre os cidadãos mais vulneráveis.

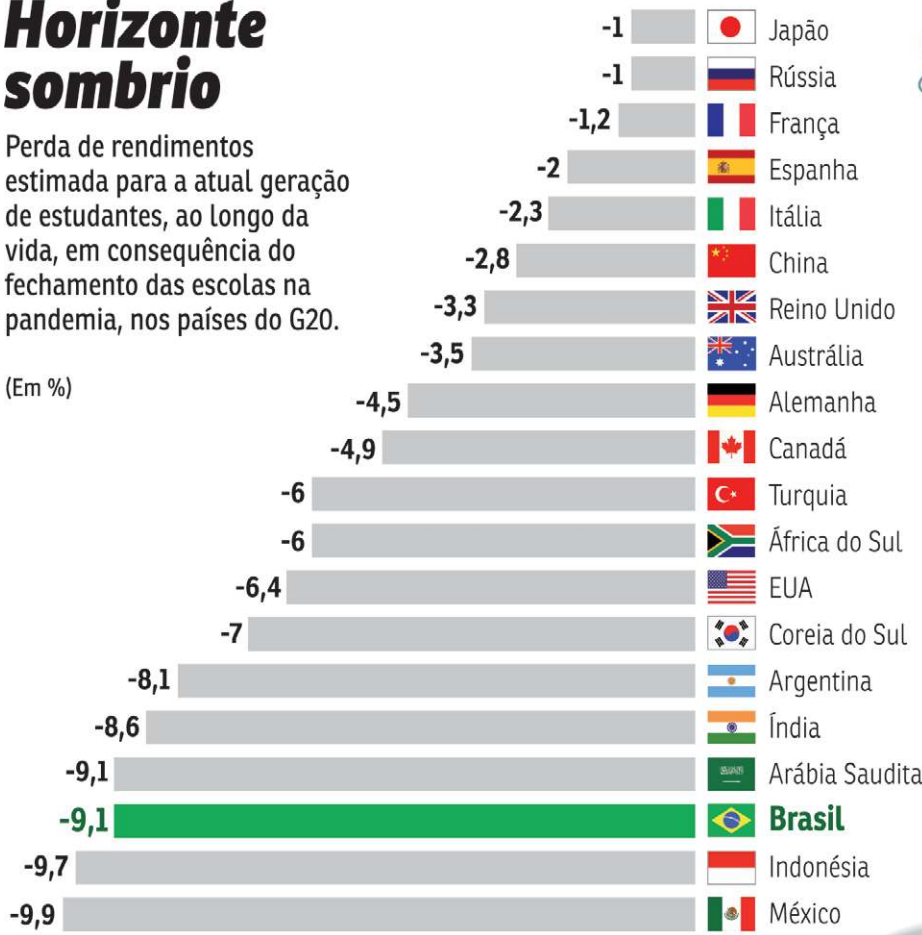
“Se não for abordado, o consequente impacto no capital humano reduzirá os níveis de qualificação e a produção agregada nas próximas décadas — com maior desigualdade”, diz o documento.

O relatório lembra que o fechamento de escolas já produziu efeitos, pois vários países do G20 observaram uma queda de resultado em testes de desempenho escolar, sem falar na diminuição de matrículas em todos os níveis de ensino e no aumento da evasão escolar. Por isso, o FMI estima que pelo menos 40% da população ativa nas economias do

Horizonte sombrio

Perda de rendimentos estimada para a atual geração de estudantes, ao longo da vida, em consequência do fechamento das escolas na pandemia, nos países do G20.

(Em %)



Fonte: FMI

G20, nas próximas décadas, já está afetada.

Com menor qualificação, a perspectiva é de que a renda média dos trabalhadores também seja inferior — a menos que o dano seja mitigado por ações públicas, conforme aponta o FMI, inflando o mercado de trabalho formal, por exemplo.

A economista Tássia Cruz, professora da Fundação Getúlio Vargas, afirma que a sociedade precisa de esforço para reverter os impactos do fechamento das escolas. Para ela, a queda

nos indicadores de aprendizagem têm consequências graves individualmente (para a população de crianças e jovens que hoje são estudantes) e coletivamente (para a sociedade brasileira).

“Individualmente, os estudantes mais afetados pela pandemia são aqueles que dependem mais da educação para acessar o mercado de trabalho e terem maior renda futura. Essas crianças e jovens tiveram menor contato com as escolas durante a pandemia — seja por menor acesso a tecnologias digitais,

seja porque precisaram trabalhar para complementar a renda familiar — e hoje estão mais propensos a se evadirem da escola”, explicou.

Nesse contexto, a queda na aprendizagem — se não houver mudança nessa trajetória — afetará a produtividade dessa população quando entrar no mercado de trabalho, o que terá consequências negativas para o Produto Interno Bruto (PIB) do país. “Assim como para a produção científica, e para o desenvolvimento econômico como um

tudo”, acrescentou.

Coletivamente, toda a sociedade sofrerá os efeitos de longo prazo da pandemia. “As consequências econômicas afetarão também os indicadores sociais do país, porque os estudantes mais atingidos pela pandemia são aqueles de famílias mais vulneráveis, aumentando a desigualdade social. Além disso, quedas no desenvolvimento econômico do país geram problemas sociais adicionais, como aumento da violência, por exemplo”, completou Tássia Cruz.

Antônio Cruz/Agência Brasil



Brasil é “destino privilegiado” para investimentos, segundo ministro

janeiro deste ano, como é habitual. O tema deste ano será “A história num ponto de viragem: políticas governamentais e estratégias empresariais”.

Neste ano, o encontro ocorre também sob o impacto da invasão da Ucrânia, condenado

de forma unanime pelos países ocidentais. O WEF suspendeu as relações com a Rússia e, neste avento, a estrela será o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelenski, que fará um discurso por videoconferência, na segunda-feira.

Dólar abaixo de R\$ 4,90

O dólar encerrou a semana com desvalorização de 3,63% ante o real, terminando a sexta-feira cotado a R\$ 4,87 para venda. Segundo especialistas, o enfraquecimento da moeda norte-americana é resultado de um maior fluxo de dólares para o país, em consequência de fatores internos, como o avanço da privatização da Eletrobras, e externos, como a perspectiva de maior atividade econômica na China, que estimulou o preço de commodities exportadas pelo Brasil.

O economista Marcos Ferrari, presidente executivo da Conexis, explicou que a aprovação da capitalização da Eletrobrás pelo Tribunal de Contas da união (TCU), na quarta-feira, animou investidores internacionais. “Com o processo aprovado, o governo poderá ofertar um maior rol de ações da companhia, atraindo capital e investimentos”, disse. “Já no cenário internacional, o relaxamento das regras de lockdown em algumas regiões de Xangai, promoveu um realinhamento do consumo no país.”

“A sinalização de reabertura teve impacto positivo nas ações de empresas exportadoras de commodities, favorecendo o Brasil”, afirmou. “Além disso, o anúncio do governo chinês de corte na taxa de juros do setor imobiliário anima os investidores que passam a vislumbrar a possibilidade de uma retomada econômica ao invés de novo ciclo de recessão naquele país.”

Inflação

A queda do dólar é uma boa notícia, pois pode ajudar a reduzir a inflação no país, desde que a queda permaneça por um tempo razoável. Toda uma cadeia de produção dos mais variados itens de matéria prima, é importada. De acordo com Fabrício Gonçalves, CEO da Box Asset Management, com um dólar mais baixo a nossa inflação é beneficiada com um custo de produção menor. “Consequentemente, você consegue baixar para seu consumidor final esse curso de produção”, explicou. “Toda a cadeia produtiva de importação fica mais barata. Isso pode fazer com que a gente sofra um pouco menos com a inflação.”

Para Matheus Lima analista da Top Gain, geralmente há uma expectativa de que com a queda do dólar a inflação seja um pouco aliviada. “Porém, ainda temos — principalmente por conta dos conflitos na Europa — uma alta de algumas commodities, principalmente petróleo, que, por mais que a gente saiba da importância do dólar, continua tendo impacto na nossa inflação.”

Lima explicou que o petróleo tem uma relevância ainda mais forte, por conta do aumento no preço dos combustíveis. “O combustível no Brasil é o que mais impacta na nossa inflação. Com isso, a gente ainda tem uma inflação crescente, e consequentemente, seguimos aumentando a taxa de juros.” (FS)

Guedes otimista em Davos

» FERNANDA STRICKLAND

O ministro da Economia, Paulo Guedes, vai participar do Fórum Econômico Mundial (WEF, na sigla em inglês) e de encontros e reuniões relacionados ao evento, na Suíça, que começa neste domingo, para apresentar o Brasil “como destino privilegiado para investimentos e como um país destacado para soluções de segurança energética e alimentar internacional”. Segundo o ministério, a viagem será entre 22 e 27 de maio.

De acordo com comunicado da pasta, o ministro vai participar de reuniões sobre crescimento sustentável, parcerias econômicas com a Ásia e o Pacífico, perspectivas da conjuntura econômica global e parcerias econômicas na América Latina.

O entusiasmo de Guedes com os rumos da economia brasileira, no entanto, não encontra correspondência entre economistas. Otto Nogami, professor do Insper, observou que o Produto Interno Bruto (PIB) per-capita do Brasil, entre 2011 e 2020, em dólares norte-americanos, teve uma queda de 48,7%, enquanto

o mundo, nesse mesmo período, apresentou um crescimento de 3,78%. “Estes dados mostram, de maneira clara, a queda da produtividade da economia brasileira”, afirmou. “De uma maneira geral, fica claro que as condições estruturais da nossa economia contribuem, sobremaneira, para esse tipo de performance.”

Segundo Nogami, essas condições estruturais dizem respeito à falta de investimentos públicos em educação, saúde, segurança e mobilidade no seu sentido mais amplo — mobilidade urbana, estradas, portos, aeroportos, ferrovias etc —, que comprometem a produtividade da economia. “Tanto é que, nos últimos anos, muitas empresas estrangeiras deixaram de operar no Brasil, não só por causa desses problemas estruturais, como também pela esdrúxula estrutura tributária do país”, pontuou.

Interesses políticos

O economista observou que, apesar de as projeções apresentadas pelo mercado indicarem crescimento em torno de 1,5%, essa fragilidade estrutural,

combinada com a instabilidade político institucional e com a dificuldade das autoridades monetárias em conter a pressão sobre preços, torna difícil acreditar que a atividade econômica, neste ano, consiga alcançar os patamares estimados. “Assim, qualquer número a ser levado a Davos tem por trás interesses meramente políticos, tendo em vista que estamos em ano eleitoral”, ressaltou.

O último encontro do Fórum Econômico Mundial na cidade suíça foi em janeiro de 2020, tendo o ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump e a ativista ambiental Greta Thunberg como protagonistas, quando crescia a preocupação com a covid-19.

Desde então, a pandemia desestabilizou a economia mundial, causando sérios problemas nas cadeias de suprimentos e aumento da inflação, entre outros efeitos. Em fevereiro deste ano, 2022, com a invasão russa da Ucrânia, a crise se aprofundou, principalmente com o aumento dos preços de alimentos e de energia.

A pandemia impediu que o fórum acontecesse em 2021 e em